

Participação cultural

16 de Novembro, 18h-20h

Évora, Direcção Regional de Cultura do Alentejo | Casa Nobre de Burgos

Em 2020, a Direcção Regional de Cultura do Alentejo promoveu, em parceria com a Acesso Cultura, o seminário “Direito à participação cultural: periferias geográficas e outras”, assinalando os 70 anos da Convenção Europeia dos Direitos Humanos.

A participação cultural é definida como “participação em qualquer actividade que represente uma forma de uma pessoa aumentar a sua capacidade e capital cultural e informacional, o que ajuda a definir a sua identidade e/ou permite a expressão pessoal”. Essa actividade podem assumir várias formas, profissionais ou amadoras, formais ou não formais. Perante um cenário de retrocesso dos valores democráticos e a complexidade da vida em sociedade, voltamos ao tema da participação cultural e, com foco no Alentejo, que representa 1/3 do território nacional, questionamos:

- Qual a ambição que políticos e agentes culturais têm para este território?
- O que se verifica na realidade?
- Que barreiras existem à participação cultural dos cidadãos, em qualquer ponto da região onde estes vivem?
- Que formas podem existir para ultrapassar estas barreiras?

Pessoas convidadas

Hugo Cruz, criador, programador cultural, investigador; **Mariana Mata Passos**, programadora, Associação Pó de Vir a Ser; **Rui Ramos**, encenador, actor, director artístico da BAAL17; **Xana Libânio**, direcção da Estação Cooperativa Casa Branca

Moderação

José Alberto Ferreira, professor na Universidade de Évora e director do Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida

Resumo

Casa Branca

- O que é o futuro de uma aldeia no Alentejo? Fim da indústria (ferrovia), abandono, envelhecimento. Não há questionamento, não há participação cívica. E nós não somos “filhos da terra”.
- O ecossistema de Montemor foi activado pelas Oficinas do Convento.
- Sessenta cooperadores questionam a governança interna e o impacto.
- Como é que os membros podem canalizar parte da sua energia para o projecto e não apenas validar o que se faz?
- Como criar uma comunidade sem a conhecer?
- Desconfia-se das iniciativas dos cidadãos. As pessoas esperam que o Estado actue.

Serpa

- A política no território está no abandono.
- Há territórios e territórios no Alentejo.
- No início, a autarquia tinha interesse em ter um projecto artístico, com 17 municípios (BAAL17)
- O diálogo e o convívio eram necessidade da comunidade. Deixavam comida à porta, faziam-se café-concertos, conversas pós-espectáculo, fazia-se um espectáculo novo por semana com a comunidade (Festival “Noites na Nora”, grupo de teatro amador).

- As associações não comunicavam entre elas. Procurou-se fazer projectos com todos.

Évora

- As relações com a vizinhança estão a acabar.
- O centro histórico está a diluir-se, está a ser esvaziado.

Há vários mitos à volta da participação:

- A cultura vai resolver um conjunto de problemas sociais. Mais do que dum impacto social, devemos falar do impacto cultural.
- O mito do “nós”. A comunidade traz confronto e dissenso. Coisas boas e coisas más acontecem em comunidade.

Em Portugal, baseamo-nos muito na experiência pessoal. Mas sabemos já muita coisa sobre a participação.

- Quando há dinheiro, as pessoas participam.
- A participação gera participação, sobretudo quando as experiências são significativas e quanto mais cedo acontecerem.
- É importante a relevância da nossa participação. Porquê participar, se as decisões estão tomadas? O que interessa é o processo.
- A participação não pode servir para sustentar as instituições culturais.